

LITERATURA E IDENTIDADE NEGRO-BRASILEIRA EM *O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO*: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

LITERATURE AND BLACK-BRAZILIAN IDENTITY IN THE LITTLE BLACK PRINCE: A PEDAGOGICAL APPROACH FOR ELEMENTARY EDUCATION

Maria Mirelli de França Rego¹
Karla Raphaella Costa Pereira²

RESUMO

Este trabalho investiga como a obra *O pequeno príncipe preto* colabora na construção da identidade negro-brasileira, com vistas a construir uma abordagem pedagógica para o ensino fundamental anos finais, em específico turmas de 7º ano. A metodologia adotada foi teórico-bibliográfica para fundamentar a análise literária e compreender as categorias centrais. Executa ainda uma análise literária comparativa entre os livros *O pequeno príncipe preto* de Rodrigo França e *O pequeno príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, sendo avaliados tanto os textos verbais quanto as ilustrações presentes nas obras. Constrói o referencial teórico com base em Peter Hunt e Nelly Coelho para definição de literatura infantil. Confronta as categorias literatura afro-brasileira e literatura negro brasileira, com base na discussão de Cuti e, por fim, discute como o racismo se apresenta na estrutura da sociedade, dialogando com autores como Clóvis Moura e Djamilá Ribeiro. A análise realizada evidenciou a importância de abordar a obra analisada na educação escolar brasileira, por sua valorização da cultura negro-brasileira e do potencial debate sobre identidade. Considera *O pequeno príncipe preto* como representante da cultura negro-brasileira, por apresentar uma narrativa que reforça a importância do pertencimento, da diversidade, da ancestralidade e do autoconhecimento. Dessa forma, essa abordagem possibilita um diálogo direto com os alunos, permitindo que eles se sintam representados na literatura da qual, por muito tempo, foram excluídos.

Palavras-chave: *O pequeno príncipe preto*, identidade negra, literatura infantil, literatura comparada.

ABSTRACT

This study investigates how the work *O Pequeno príncipe preto* (The little black prince) contributes to the construction of Black Brazilian identity, aiming to develop a pedagogical approach for the final years of elementary education, specifically for 7th-grade classes. The

¹ Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal Rural do Semi-árido no Departamento de Linguagens e Ciências Humanas do Centro Multidisciplinar de Caraúbas.

² Doutora em educação (UECE), doutoranda em Letras (UFC) professora adjunta da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), vinculada ao Departamento de Linguagem e Ciências Humanas do Centro Multidisciplinar de Caraúbas.

methodology adopted was theoretical-bibliographic, serving to ground the literary analysis and understand the central categories. It also conducts a comparative literary analysis between *The Little Black Prince* by Rodrigo França and *The Little Prince* by Antoine de Saint-Exupéry, evaluating both the verbal texts and the illustrations present in the editions. The theoretical framework is constructed based on Peter Hunt and Nelly Coelho for the definition of children's literature. It contrasts the categories of Afro-Brazilian literature and Black Brazilian literature, drawing on discussions by Cuti, and finally, it examines how racism manifests in the structure of society, engaging with authors such as Clóvis Moura and Djamila Ribeiro. The analysis conducted highlighted the importance of addressing the examined work within Brazilian school education, due to its emphasis on Afro-Brazilian culture and the potential for fostering discussions on identity. *The Little Black Prince* is regarded as a representative of Afro-Brazilian culture, as it presents a narrative that underscores the significance of belonging, diversity, ancestry, and self-awareness. In this way, this approach enables direct dialogue with students, allowing them to feel represented in literature from which they have long been excluded.

Keywords: *O pequeno príncipe preto*; black identity, children's literature, comparative literature.

1 INTRODUÇÃO

É considerado literatura contemporânea as obras literárias produzidas do século XX até os dias atuais. Coutinho (1986) cita que a literatura desse período foi pontuada por acontecimentos políticos e não estéticos. Sendo um marco para o surgimento de uma nova literatura, baseada em eventos que renovaram padrões sociais. Essa literatura pode ser uma forma de aproximar os discentes da sua realidade, na qual os escritores trazem novas concepções nas narrativas acerca da valorização cultural e social.

Desse modo, muitos escritores e escritoras contemporâneas da literatura brasileira têm abordado questões como a desigualdade, o preconceito e o racismo. Esse tipo de literatura não se limita a um único estilo ou gênero, abrangendo desde romances a contos e poesias; dessa forma, iremos destacar a literatura infantil contemporânea, sendo um gênero literário que inclui obras escritas ou adaptadas para o público jovem, cujo conteúdo pode apresentar uma reflexão para a vida.

Este trabalho objetivou investigar como a obra *O pequeno príncipe preto* de Rodrigo França (2020) colabora na construção da identidade negro-brasileira no ensino fundamental anos finais. Esta obra contribui para os estudos sobre temas étnico-raciais no ensino fundamental, especificamente nas turmas de 7º ano, já que esse é um período crucial na formação dos estudantes, no qual valores e identidades começam a se consolidar. A falta de representação cultural na literatura para adolescentes é uma lacuna que ainda não foi preenchida, apesar dos consideráveis avanços no mercado editorial, nos últimos anos. A forma que essa representação é ignorada no currículo escolar pode promover um ambiente no qual os alunos de origens diversas não se sintam representados.

O reconhecimento do trabalho do autor no campo artístico e social, leva aos palcos a força do teatro e da literatura negro-brasileira. Segundo Peixoto (2024),

Rodrigo França é ator, dramaturgo, professor, articulador cultural e produtor. O carioca é responsável pela dramaturgia e direção do espetáculo infantojuvenil *O pequeno príncipe preto* que, em 2020, foi transformado em livro infantil, ambos discutem os estereótipos associados à representação dos negros como heróis infantis e a exaltação da beleza negra.

A metodologia deste estudo baseia-se em uma análise literária comparativa das obras *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França, com foco na literatura infantil. Para fundamentar a análise, adotou-se a pesquisa bibliográfica, buscando informações relevantes sobre tópicos voltados para literatura infantil e identidade negro brasileira. A análise literária esteve focada nas reflexões sobre temáticas

como a identidade, a ancestralidade e a cultura negro-brasileira. Além disso, a pesquisa envolveu a avaliação tanto dos textos verbais quanto das ilustrações presentes no livro, buscando compreender as semelhanças e diferenças entre as narrativas e os aspectos visuais das obras.

A obra de Rodrigo França ressignifica o clássico *O pequeno príncipe* do escritor francês, colocando no centro da narrativa um protagonista negro que representa a busca por suas raízes e a valorização da negritude. Dessa forma, a identidade é uma das chaves para compreender o livro. Em um mundo que, muitas vezes, marginaliza ou invisibiliza a negritude, o pequeno príncipe preto reafirma a beleza de sua cor e a importância de reconhecer e celebrar suas raízes. Rodrigo França também traz à tona a importância da representatividade por meio de um personagem negro que assume o protagonismo, em um universo no qual narrativas sobre príncipes e heróis são historicamente dominadas por personagens brancos. Faz menção aos temas de aceitação e autoconhecimento, enfatizando a importância de preservar a própria identidade e enfrentar os desafios da sociedade, dessa forma, o texto literário destaca a beleza da diversidade, mostrando a importância de reconhecer e valorizar as raízes culturais. Conta a história de um menino negro e curioso que viaja entre planetas e dimensões para explorar as belezas da diversidade cultural.

O escritor Rodrigo França (2020) fala sobre a importância de um protagonista em histórias infantis que tenha a pele retinta, porque há poucos livros nos quais meninos pretos são colocados em papéis principais e, quando isso ocorre, há um embranquecimento desse personagem, denominado negro de pele clara. O artigo tem por foco trabalhar a identidade negro-brasileira através deste livro, compreendendo que ele coopera, de forma significativa, no desenvolvimento de habilidades socioemocionais dos alunos, construção de identidade e conhecimentos diante dos valores culturais brasileiros, sendo um estudo que pretende contribuir no campo educacional e literário, oferecendo, assim, uma análise sobre identidade e afrodescendência presentes no livro *O pequeno príncipe preto* e suas contribuições nos anos finais do ensino fundamental.

Nas análises feitas das obras estudadas neste trabalho, foi possível notar semelhanças na estrutura narrativa, ambos os livros têm a modelagem dos textos esteticamente parecidos, mas que diferem substancialmente no seu propósito, no público-alvo e na abordagem cultural. Foram identificados os detalhes ilustrativos das duas obras tais como, detalhes das capas, cores, estilos de roupas, personagens que aparecem nas duas obras e suas representações e, por fim, a diferenciação entre os textos verbais, discutindo como, no livro do escritor brasileiro, ele deixa explícito o empoderamento e sua tentativa de construir visibilidade para

as crianças negras na literatura infantil contemporânea.

Foi discutido, ainda, o conceito de literatura infantil e sua importância, além do entretenimento, de que a literatura é uma ferramenta poderosa de denúncia e resistência cultural, promovendo reflexões sobre desigualdades e a valorização de diferentes heranças culturais. Apontou-se também as divergências entre os termos **afro-brasileiro** e **negro-brasileiro**. Foi colocado em pauta que a identidade negra, historicamente negada e marginalizada, enfrenta desafios que vão desde a invisibilidade de referências positivas até a luta por reconhecimento e representatividade, tornando a literatura um espaço essencial para a afirmação e valorização das narrativas negras.

Este trabalho colabora com a construção da identidade negro-brasileira, pois proporciona uma narrativa que valoriza a negritude, incentivando o reconhecimento e o orgulho da herança cultural, sendo uma forte aliada nas salas de aula do ensino fundamental para uma prática pedagógica antirracista. Diante disso, o estudo do livro *O pequeno príncipe preto* tem uma grande relevância no contexto cultural brasileiro e educacional, expondo uma outra realidade voltada para temas como a representatividade e a afrodescendência. Em um contexto escolar, torna-se uma ferramenta pedagógica poderosa, promovendo práticas antirracistas, remontando a uma educação que valoriza e reconhece diferentes grupos étnicos raciais e culturais.

A literatura desempenha um papel essencial na educação escolar, pois é por meio dela que os alunos têm a oportunidade de conhecer diferentes culturas e perspectivas. Na educação escolar, os textos literários ajudam a desenvolver habilidades de leitura e interpretação, contribuindo também com produções voltadas para a escrita. Os textos contemporâneos oferecem a chance de refletir sobre questões históricas e sociais, ampliando o repertório dos alunos e favorecendo a construção de um pensamento mais autônomo e reflexivo, estimulando a imaginação e o aprendizado sobre a formação da identidade do indivíduo. Ou seja, a literatura nas escolas é mais do que simplesmente ensinar a leitura e a escrita; trata-se de formar indivíduos mais críticos, criativos e empáticos.

Este artigo se subdivide em três seções. Na primeira, intitulada Conceitos basilares para análise literária, são definidos os conceitos de literatura infantil, argumenta-se a literatura como ferramenta de denúncia e resistência cultural, bem como discute-se divergências entre os termos afro-brasileiro e negro brasileiro e, por fim, sobre a identidade negra e sua negação. Na segunda seção, Dois pequenos príncipes: um com pele cor de solo, outro com cabelos de campos de trigo, apresenta-se temas sobre herança, ancestralidade e representatividade, distinções da figuração do Baobá nos dois textos literários e como alguns personagens são

colocados na obra. A terceira seção busca apresentar uma atividade didática voltada para as turmas do 7º ano da educação básica.

2 CONCEITOS BASILARES PARA A ANÁLISE LITERÁRIA

Para iniciar, é importante contextualizar alguns pontos para o entendimento da literatura infantil e seus benefícios no ensino fundamental anos finais.

A Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024, estabelece que os estados, municípios e o Distrito Federal devem promover o direito ao brincar e a parentalidade positiva. Essa lei diz respeito à promoção do direito ao brincar, desenvolvimento socioemocional das crianças através de atividades lúdicas. Maluf (2009, p. 21) define que atividades lúdicas são aquelas que proporcionam uma experiência completa no momento, associando o ato, o pensamento e o sentimento.

Dessa forma, essas atividades podem ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade que vise proporcionar interação entre os indivíduos, unindo de alguma forma. Enquanto brincam, as crianças constroem seu aprendizado de maneira criativa, igualmente aos hábitos de leitura, as crianças desenvolvem seus pensamentos através das ilustrações, significa assim que a leitura também pode ser uma atividade lúdica. Os livros ilustrados abrem a perspectiva de diálogo entre texto e imagem, ampliando as experiências de leitura.

A literatura pode se tornar uma ferramenta de denúncia e resistência cultural para os alunos negros, ao se perceberem representados, criando uma aproximação com suas histórias reais, num processo de identidade e pertencimento. É importante salientar que, no cenário literário, as pessoas pretas, até o século XX, eram quase invisíveis; escritoras e escritores negros eram marginalizados ou embranquecidos³. Um exemplo disso ocorreu com o escritor Machado de Assis, que, só a partir da década de 1930, começou a ser visto como mestiço, mas, até hoje, ainda há pessoas que pensam que ele era branco.

Em *Literatura negro-brasileira*, Cuti (2010) afirma que escritores negros para serem aceitos sempre tiveram que contar as suas histórias sobre a perspectiva branca. No nosso sistema educacional, há uma lacuna que deixa as vozes literárias negras em silêncio, dessa forma a literatura infantil na qual crianças negras são protagonistas das histórias são deixadas de lado, valendo, assim, destacar que, diante das diretrizes educacionais previstas pela Lei nº

³ As fotografias de escritores negros eram colocadas em preto e branco, tal fato faz parte da estratégia, presente no racismo estrutural, de apagamento histórico (José Vicente, reitor da Zumbi, 2023).

10.639, de 9 de janeiro de 2003, é obrigatório o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileiras nas escolas, sejam elas de ensino fundamental ou médio. Essa prática pode contribuir para o desenvolvimento crítico dos alunos, para construir uma reflexão sobre a estrutura social, ajudando não apenas a enriquecer o currículo escolar, mas também a promover o desempenho de cada aluno na construção de ideias igualitárias e diversas.

Hunt (2014), em seu livro *Crítica, teoria e literatura infantil*, pontua que a literatura infantil deve ser avaliada da mesma forma que a literatura para adultos, pois nenhuma é inferior a outra. Sendo assim, ao incluir livros literários infanto-juvenis com temáticas sobre identidade negra, mostra-se uma valorização dos alunos racializados na tentativa de incluí-los, valorizando e reconhecendo, no ambiente escolar, a importância da cultura negra, em nosso país. Um outro ponto em destaque é a ancestralidade, que se refere às raízes familiares, culturais e históricas desses estudantes.

O estudo da literatura infantil no ensino fundamental anos finais proporciona uma valiosa perspectiva sobre a experiência humana, permitindo uma compreensão cultural, histórica e social, assim sendo, a literatura reflete as lutas e valores de uma sociedade, funcionando como uma imagem criativa das transformações e dinâmicas socioculturais ao longo do tempo. Para Hunt (2014), os livros infantis sempre tiveram uma grande influência social e educacional. Segundo ele, a literatura infantil serve como um meio crucial de desenvolvimento cultural e cognitivo para as crianças, não atua, desse modo, apenas como uma forma de entretenimento, mas como um veículo que influencia a formação da identidade, desempenhando um papel significativo na construção das normas e valores culturais, além de oferecer às crianças a oportunidade de explorar diferentes perspectivas e realidades. A literatura infantil, além disso, pode ajudar na construção da competência crítica das crianças, promovendo habilidades de leitura e interpretação que são essenciais para o desenvolvimento.

A literatura para criança difere da literatura para adulto em grau, não em espécie [...] e escrever para crianças deve ser avaliado pelo mesmo padrão que escrever para adultos. Não aplicar a mesma norma crítica à literatura infantil é, de fato, dizer que ela é inferior à literatura adulta (Hunt, 2014, p. 55).

A ideia central é que a literatura para crianças e a literatura para adultos são, na essência, da mesma natureza, com a diferença principal sendo o grau de complexidade. Em outras palavras, todos eles têm a capacidade de explorar temas profundos, usar recursos literários complexos e transmitir experiências, o que vai mudar é o uso das palavras, já que o público-alvo são distintos. Os livros infantis devem ser avaliados de acordo com os mesmos padrões e requisitos dos livros para adultos. Ao não aplicar a mesma norma crítica à literatura infantil, corre-se o risco de desvalorizá-la, tratando-a como algo inferior.

Outrossim, Coelho (2000) define a literatura infantil como um gênero que vai além de um simples entretenimento para as crianças. Em sua visão, a literatura infantil é um espaço essencial para o desenvolvimento cultural e intelectual dos jovens leitores. Coelho enfatiza, ainda, que a literatura infantil não só introduz as crianças ao mundo da ficção e da imaginação, mas também contribui para a formação de sua identidade e compreensão do mundo. “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]” (Coelho, 2000, p. 27).

A literatura infantil deve ser vista, antes de tudo, como literatura/arte, e não como algo secundário ou simplificado, pois ela é uma forma de expressão artística que, assim como qualquer outra, tem o poder de criar e representar o mundo, a experiência humana e a vida por meio da palavra e das imagens. Ao ser chamada de arte, ela é reconhecida como um fenômeno criativo, com o mesmo valor e capacidade de gerar reflexões profundas que qualquer obra destinada a adultos. Dessa forma, não é apenas uma ferramenta de ensino, mas uma forma pedagógica capaz de provocar imaginação e reflexão.

Essas visões destacam dois aspectos importantes para a presente pesquisa ao afirmarem que literatura infantil é literatura, ou seja, ela não está apartada ou se caracteriza como uma modalidade especial de literatura. O primeiro desdobramento disso indica que a literatura infantil exerce a função social da literatura, cuja característica pedagógica, em sentido amplo, interessa ao objeto em análise, pois este é um aspecto importante para o elemento da formação da identidade. O segundo aspecto aponta para o papel do crítico, que deve seguir os mesmos critérios de análise aplicados à literatura considerada para adultos.

Nos próximos tópicos, é dado um passo adiante na construção dos conceitos centrais da pesquisa realizada. Inicialmente, discute-se a possibilidade da literatura como um instrumento de denúncia e resistência, ao ser mediada na atividade pedagógica; em seguida, foca-se no debate sobre a cultura negro-brasileira e as possibilidades de construção de uma identidade no contexto de uma sociedade construída economicamente sobre anos de escravização das pessoas e ainda marcada pelo racismo.

2.1 A literatura como ferramenta de denúncia e resistência cultural

O branco brasileiro é um conceito que vai além da simples classificação racial. Ele envolve uma série de dimensões históricas, sociais e culturais que ajudam a entender como a

identidade racial se construiu no Brasil. Essa identidade está profundamente enraizada no contexto do colonialismo, do racismo e do mito da democracia racial, que impactam as relações entre brancos e não brancos no país desde a época da escravização.

Segundo Moura (1988, p. 188), “A imagem do escravo do passado ficou automaticamente incorporada ao negro do presente”. Essa afirmação de Clóvis Moura reflete uma crítica ao modo como os estereótipos e as concepções históricas relacionadas à escravidão foram transferidos para os negros após a abolição da escravatura. Mesmo após a formalização da liberdade, os negros continuaram a ser vistos através de lentes preconceituosas que os associavam a um passado de subordinação e exploração.

Nesse parâmetro escravagista, um fato marcante é como essas pessoas eram tratadas. Os negros eram vistos como mercadorias, como objetos a serem possuídos, usados e controlados pelos senhores. A objetificação das pessoas negras é uma manifestação do racismo, que se reproduz na sociedade desde o período escravocrata como sustentáculo do próprio modo de produção. É um reflexo de estereótipos racistas que hipersexualizam as pessoas negras e as colocam em posições de subalternidade, conforme indica Nascimento (2016, p. 75): “[...] uma dura realidade segregada que separava as mulheres brancas, das ‘mulatas’ e das negras, no dito popular de que ‘Branca para casar, negra para trabalhar, mulata para fornicar’”.

Ideário racista é reforçado pelos comentários sobre os corpos negros ou a representação de pessoas negras na mídia, estigmas preconceituosos, associação da mulher negra sempre ao trabalho de empregada doméstica, reduzida a estereótipos e caricaturas, marginalizando a sua identidade racial e experiências. Cuti (2010, p. 35) menciona “A população negra no Brasil é pouco representada fora dos quadros da pobreza”. Essas representações podem perpetuar uma visão limitada para a atuação de pessoas negras em sociedade, pois a imagem social dos negros, geralmente, é associada à pobreza e ao crime (Barros, 2023).

No mundo ficcional, o imaginário desses romancistas ainda estava impregnado de valores brancos, o seu modelo de beleza ainda era o greco-romano e os seus heróis e heroínas tinham de ser pautados por esses modelos. E a nossa realidade ficava desprezada como temática: os heróis tinham de ser brancos como os europeus e a massa do povo era apenas pano de fundo dessas obras (Moura, 1988, p. 26).

Durante o colonialismo, os europeus se impunham como superiores a outras culturas, colocando, assim, os brancos sempre no topo. Isso se refletiu na arte, de forma geral, principalmente na literatura, na qual os heróis eram brancos, reforçando a ideia de que apenas pessoas dessa etnia eram dignas de protagonismo e heroísmo. Dessa forma, os personagens

negros eram poucos representados e, quando o eram, estavam estereotipados, sustentando a ideia de discriminação racial. É importante destacar que o racismo é um projeto social construído historicamente no Brasil, do qual se destaca tanto a escravização em si quanto a política de negação do negro como trabalhador qualificado para o assalariamento (Moura, 1988).

Cuti destaca os conceitos de discriminação e preconceito. Segundo ele, o preconceito é um julgamento ou ideia pré-concebida que uma pessoa tem sobre outra, baseada em estereótipos ou generalizações. Já a discriminação é a prática de tratar alguém de forma desigual ou injusta com base em preconceitos. Aqui, o preconceito se torna ação, como negar uma oportunidade de emprego ou educação a alguém devido à sua etnia ou à sua classe social. Seguindo esse pensamento, Cuti (2010, p. 12) menciona que

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências (Cuti, 2010, p. 12).

As produções textuais contribuem para o combate do preconceito racial presente na literatura, ou seja, ao abordar temas como a discriminação e o preconceito racial diretamente em suas obras, esses escritores não apenas narram as experiências raciais, mas também esclarecem as consequências dessas atitudes. Essa abordagem tem como objetivo mostrar como o preconceito está enraizado na sociedade e nas estruturas de poder, evidenciando o impacto negativo que ele tem sobre as vítimas e sobre a própria sociedade que é marcada por uma perspectiva branca, muitas vezes silenciando ou ignorando as realidades da população negra. Sendo assim, a literatura torna-se uma ferramenta de denúncia e reflexão sobre as desigualdades e injustiças raciais, rompendo com os padrões de uma literatura tradicional, predominantemente escrita por autores brancos.

No campo das artes, temos experiências notáveis realizadas pela população negra no Brasil, mas, infelizmente, ainda pouco conhecidas. O Teatro Experimental do Negro (TEN), criado por Abdias do Nascimento em 1944, buscou valorizar a cultura afro-brasileira por meio da educação e da arte, formulando uma estética própria para além da reprodução da experiência de outros países e visando ao protagonismo do povo negro (Ribeiro, 2019, p.12).

O TEN⁴ promoveu a arte como uma forma de resistência cultural, criando uma estética própria, refletindo as vivências, os valores e as histórias da população negra no Brasil. O projeto estabelecia um papel de liderança para as pessoas pretas, possibilitando uma oportunidade de estar no centro da narrativa, ao invés de serem um elemento estereotipado ou

⁴ Este projeto disponibilizou a seus membros cursos de alfabetização e de iniciação à cultura geral, além das noções de teatro e interpretação, mesclando aulas, debates e exercícios práticos (BRASIL, 2016).

secundário. Essa iniciativa foi uma resposta ao racismo e à marginalização que organiza a sociedade brasileira. O TEN visava, assim, aumentar a autoestima e o reconhecimento das raízes afro-brasileiras por meio da educação e da arte, e foi uma das primeiras ações mais sistemáticas na valorização da cultura, conscientizando e empoderando a arte e a cultura negra.

Cuti (2010) discute outro marco importante para a literatura, o surgimento do Teatro Municipal de São Paulo; surgia o Movimento Negro Unificado contra discriminação racial (MNCUR), no final da década de 1970. Esse evento histórico contribuiu de forma significativa para a aparições de personagens pretos em obras literárias de autores brancos e mestiços, refletindo contextos sociais, políticos e culturais específicos de cada época. Essas representações, muitas vezes, são influenciadas pelas experiências dos autores. Para os alunos negros, a falta de representatividade nas narrativas tradicionais pode criar um distanciamento das suas histórias, tornando difícil eles se reconhecerem em um contexto de afirmação de identidade.

Evaristo (2009) pontua que as narrativas negro-brasileiras não tem a intenção de esconder a identidade dos personagens, pelo contrário, existe uma representação de valorização da pele, traços físicos e herança dos povos originários, ou seja, os autores negros mostram personagens e histórias que refletem experiências, vivências e culturas diretamente ligadas à realidade de pessoas pretas no Brasil. Ao se depararem com essas narrativas, os alunos negros podem perceber que a sua identidade, suas origens e suas lutas têm um valor imensurável. Essa representação literária é crucial para criar um espaço onde eles possam se ver como protagonistas.

Evaristo (2009) também contribui falando da construção dos personagens no enredo, deixando de lado a visão estereotipada ou da invisibilidade com negros e mestiços nas narrativas brasileiras. Portanto, a literatura na escola não é apenas uma ferramenta de aprendizado acadêmico, mas um instrumento de afirmação da identidade racial e fortalecimento da autoestima. Ela permite que os alunos negros conheçam de fato seu lugar na sociedade e do papel que desempenham na construção de uma história equitativa.

2.2 Divergências entre os termos afro-brasileiro e negro brasileiro, a identidade negra e sua negação

Embora os termos afro-brasileiro e negro brasileiro apresentem direcionamentos parecidos, neste trabalho, iremos evidenciar algumas distinções sobre essas expressões. Para

Cuti (2010, p. 18), “Afro-brasileiro, expressão cunhada para a reflexão dos estudos relativos aos traços culturais de origem africana, independeria da presença do indivíduo de pele escura, e, portanto, daquele que sofre diretamente as consequências da discriminação”. Dessa forma, a literatura afro-brasileira, geralmente, é um termo que se refere à produção literária de autores que têm ascendência africana e são brasileiros. Pode incluir obras que exploram temas relacionados à experiência e à identidade negro-brasileira, bem como elementos da cultura africana e suas influências brasileiras.

Já a literatura negro-brasileira, seria um termo mais específico e nacional, podendo assim abranger escritores brasileiros cujas obras exploram questões relacionadas à negritude e à experiência negra. “A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil” (Cuti, 2010, p. 19), dessa forma, pode focar em temas como racismo, identidade e resistência, e pode incluir uma variedade de estilos e gêneros. Referindo-se aos elementos formadores da literatura negro-brasileira, Cuti (2010) afirma que

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudança de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção (Cuti, 2010, p. 11).

Segundo a afirmação de Cuti, o surgimento do carrossel entre: personagem, autor e leitor negros é elemento fundamental para a literatura negro-brasileira, surgindo, dessa forma, a necessidade de expressão das subjetividades da população negra. A literatura negro-brasileira tem como função social, não somente a afirmação da identidade negra, mas também a defesa diante das questões de negritude, combate à discriminação e racismo, levando em consideração a riqueza cultural pertinente diante da poesia e ficção, trazendo consigo uma denúncia e combate de questões raciais. Os atos de racismo têm se tornado frequentes em nossa contemporaneidade, desse modo, pautar o racismo é essencial para discutir a identidade negra, pois ele está presente, de maneiras diferentemente mediadas, na vida de todas as pessoas negras.

A identidade negra, segundo Cuti (2010), é uma construção multifacetada, sendo uma contribuição com várias faces, o resultado da cultura e das experiências vividas pelos indivíduos e comunidades negras, da cultura e da história de cada um. Ademais, Cuti enfatiza a importância da memória, cultura e ancestralidade como elementos centrais na formação dessa identidade: “A identidade negro-brasileira mira também o amanhã, por conta de ser animada por um ímpeto renovador. Ela opera para deixar de ser o que foi forçada a ser para

tornar-se uma dimensão liberada” (Cuti, 2010, p. 39). Essa renovação contribui para destacar a luta contra o racismo e a importância do reconhecimento e da valorização das contribuições dos negros para a sociedade, levando em consideração a valorização da identidade negra, enquanto combate estereótipos e preconceitos históricos sociais.

Cuti (2010) vai apontar questões da ideologia racista: “A população negra no Brasil é pouco representada fora dos quadros da pobreza, pois seu processo de ascensão social é invisibilizado pela ideologia racista” (Cut, 2010, p. 35), ou seja, é um conjunto de ideias que atribui inferioridade. Sendo assim, é de suma importância trabalhar questões de ancestralidade, pois essa ancestralidade refere-se às raízes históricas, culturais e familiares dos povos negros brasileiros, ajudando no processo de identidade. França (2020), em seu livro *O pequeno príncipe preto*, faz uma menção inspirada na figura de sua avó Bené e seus familiares.

Um outro ponto que o teórico Cuti discute é a necessidade de novas representações na arte. “A necessária ousadia realizada pelas companhias negras tem sido a de montar os clássicos (originalmente brancos) só com atores negros” (Cut, 2010, p. 25), que é o caso do livro aqui estudado. Diante dessa afirmação, vale destacar que *O pequeno príncipe preto* se tornou um símbolo importante ao ser adaptado de uma peça teatral de Rodrigo França e apresentar um personagem principal interpretado por uma criança negra.

Cuti e Moura defendem que é necessário questionar as representações literárias, tendo a necessidade urgente de desconstruir esses estereótipos para promover uma verdadeira compreensão e valorização da população negra no Brasil. Dessa forma, surge a necessidade de discutir o termo ideologia racista. Para Moura (1988), a ideologia racista não se limita apenas às atitudes individualizadas de discriminação racial, mas está profundamente enraizada nas estruturas sociais, políticas e culturais do Brasil. Ele analisa como o racismo permeia a sociedade brasileira de forma invisível, mascarado sob o conceito de democracia racial (Moura, 1988, p. 30); “A democracia racial é uma ideologia arquitetada para esconder uma realidade social altamente conflitante e discriminatória no nível de relações interétnicas”. Essa democracia é um mito criado para mascarar as desigualdades raciais no país. Ribeiro (2019), em seu livro *Pequeno manual antirracista*, contribui para compreendermos essa desigualdade.

O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais que é um lugar de privilégio-acabam acreditando que esse é o único mundo

possível (Ribeiro, 2019, p. 10).

Ribeiro traz um relato vivenciado por ela, tratando da desigualdade racial presente no sistema educacional e destacando como a construção social da **normalidade** e da **superioridade** é moldada a partir da perspectiva branca. O mundo que é apresentado nas escolas refere-se à cultura dos brancos e europeus, considerada como o modelo de excelência a ser seguido, enquanto as culturas e experiências das populações negras, por exemplo, são ignoradas ou marginalizadas. Nesse contexto, as crianças negras se veem forçadas a aprender um sistema que não as representam e vivenciam diversas formas de racismo e discriminação presentes no cotidiano, o que gera uma reflexão sobre sua identidade e seu lugar na sociedade. Por outro lado, as crianças brancas, que pertencem a um grupo social privilegiado, não precisam passar por esse processo reflexivo e questionador, pois são vistas como normais.

De acordo com uma pesquisa da Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), contratada pelo Projeto SETA e pelo Instituto de Referência Negra Peregrum, e publicada em reportagem do G1 (2023), a cada 10 pessoas que relatam sofrer racismo, 3,8 foram vítimas em instituições de ensino. Cuti (2010) enfatiza a maneira como as pessoas negras são socialmente vistas, muitas vezes, sendo consideradas incapazes de construir sua própria história e identidade, dependendo sempre da intervenção ou do favorecimento das elites brancas, Cuti também vai discutir a crise de identidade gerada por essas elites.

Crise de identidade gerada principalmente pelo afastamento cultural, o que faz o autor lançar-se em busca das raízes perdidas, competição social, de onde se dá o encontro com a prática do racismo e a conscientização de que ela implica vários aspectos (econômicos, psicológicos, religiosos, estéticos etc.) (Cuti, 2010, p. 14).

Surge uma espécie de negação de identidade negra, sendo um conceito que Moura também aborda em suas análises sobre as dinâmicas raciais no Brasil, especialmente em sua crítica ao racismo e à construção de uma identidade nacional brasileira que, por muitas décadas, marginalizou a população negra. Essa negação pode ser compreendida de diversas formas, todas ligadas à tentativa histórica de invisibilizar, desumanizar e esconder a identidade e as contribuições dos negros na sociedade, causando um certo afastamento cultural. Gonzalez e Hasenbalg (1982) mencionam que “O intento de fazer do negro um ser invisível não deveria chamar a atenção em uma cultura que, proclamando-se racialmente democrática, está permeada pelo ideal obsessivo do embranquecimento”.

Esse processo de embranquecimento inclui práticas como a desvalorização das características físicas negras e a valorização dos traços brancos, um fenômeno que ocorre em diversos contextos, tais como na mídia, no trabalho e na educação. Moura e Cuti criticam essa ideia de embranquecimento, pois, ao longo da história, ele foi usado como uma forma de

negar a identidade negra, já que não se tratava de uma verdadeira integração cultural ou social, mas da dissolução das identidades negras em favor de uma suposta superioridade branca. Abdias Nascimento (2016, p. 71), contribui: “Com o crescimento da população mulata, a raça negra iria desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país.”

A mistura racial, assim, era vista como um instrumento de apagamento das culturas africanas e não como um processo de valorização da diversidade, dessa forma, Moura menciona que “Os fatores de resistência dos traços de cultura africanos condicionam-se, portanto, à necessidade de serem usados pelos negros brasileiros no intuito de se autopreservarem social e culturalmente” (Moura, 1988, p. 137).

Os traços culturais são formas de autopreservação, não apenas em termos físicos, mas também como uma forma de garantir sua continuidade cultural, resistindo à imposição de valores brancos e à opressão social. Isso contribui para o fortalecimento da autoestima, tornando esses traços instrumentos de resistência contra a desvalorização cultural e social imposta pela sociedade dominante. Esses traços são uma referência aos elementos culturais, tais como religião, música, dança, culinária e outros aspectos que foram herdados dos povos africanos e que hoje fazem parte da história do Brasil. Dessa forma, a literatura é uma ferramenta crucial para o engajamento desses traços culturais; as narrativas literárias trazem à tona as vivências e a resistência tanto cultural quanto social de pessoas negras brasileiras, abordando temas como racismo, violência e afirmação da identidade.

3 DOIS PEQUENOS PRÍNCIPES: UM COM PELE COR DE SOLO, OUTRO COM CABELOS DE CAMPOS DE TRIGO

O pequeno príncipe preto acompanha a trajetória de um menino negro, que vive sozinho num planeta distante, e, assim como no clássico de Saint-Exupéry, embarca em uma grande viagem por outros planetas. Durante sua jornada, ele encontra figuras simbólicas que ensinam sobre respeito, ancestralidade e pertencimento. Pelo tema, pelas personagens e situações é evidente que se trata de uma releitura do clássico *O pequeno príncipe*, mas que busca acrescentar elementos da cultura negro-brasileira sem perder o caráter universal de suas discussões, como os temas identidade, ancestralidade, afeto e coletividade.

O primeiro planeta visitado pelo protagonista é habitado por um rei arrogante e que gosta de mandar, mas que, no fundo, vivencia uma profunda solidão, tentando, até mesmo, subornar o príncipe com coisas materiais e cargos de autoridade para que ele não parta. O

segundo planeta é a Terra; o pequeno príncipe preto percebe a Terra como um planeta azul e grande, mencionando a quantidade e diversidades de pessoas que a ocupam, cada uma com formas diferentes, cores e modo de viver.

No planeta Terra, ele encontra o personagem da raposa, conforme ocorrer em *O pequeno príncipe*, que o ensina valores das relações afetivas e comunitárias, como a importância do cuidado uns com os outros. O protagonista também vai sofrer preconceito de outras crianças da terra, que riem de sua voz, das roupas diferentes que usa, além de tentarem tocar em seu cabelo sem pedir permissão, uma representação bastante significativa de práticas racistas. Após essa jornada ao planeta Terra, ele volta para casa, sentindo falta da sua Baobá, que estava triste, pois era chegada a hora de juntar-se aos seus antepassados. No final de tudo, ele aprende sobre a importância da conexão com suas raízes, afeto, processo de perda e de fortalecimento da autoaceitação.

Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) foi um escritor, ilustrador e piloto francês, criador da obra clássica *O pequeno príncipe* (1943), sendo ela uma fábula infantil para adultos. A obra é rica em simbolismo, com personagens como a serpente, a rosa e a raposa, a obra conta a história de um avião perdido no deserto, que encontra um pequeno príncipe de outro planeta. A obra aborda temas universais como a solidão, a amizade, a importância das pequenas coisas e as reflexões sobre a vida e a morte.

Como dito anteriormente, a literatura infantil pode ser caracterizada pela presença da ilustração associada à palavra. Ela tem o papel de formar, de educar, o olhar, de ampliar os repertórios visuais, contribuindo na constituição de um leitor crítico. Lins (2002, p. 31) acredita que a imagem complementa e enriquece uma história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias. O texto e a imagem juntos dão ao leitor o poder de criar, na sua cabeça, a única história que realmente interessa.

Desde as origens da literatura para crianças, a imagem desempenha importante papel na construção dos sentidos desse tipo de texto literário. No livro para crianças, a imagem tem ocupado cada vez mais espaço com a intenção de colaborar com o trabalho do professor em sala de aula. Dessa forma, podemos também analisar a obra *O pequeno príncipe preto* de Rodrigo França, não somente por sua escrita, mas também por seu projeto gráfico e pelas relações entre as dimensões verbal e não-verbal da narrativa.

A artista visual Juliana Barbosa Pereira é uma ilustradora, animadora e designer, ela é a responsável pelas representações gráficas da obra *O pequeno príncipe preto*, ao lado do autor e diretor Rodrigo França e equipe, ela também contribuiu no desenvolvimento da peça teatral feita pelo escritor e assinou as ilustrações do livro. O projeto gráfico do livro apresenta

um estilo visual marcante, com uma paleta de cores vibrantes e chamativas. São utilizados tons terrosos, como marrom, com a simbologia da natureza, encontra-se a utilização do laranja e dourado em contraste com fundos azulados e estrelados, estabelecendo a ideia de um universo místico. A escolha das cores, dos traços e da composição reforça a mensagem central do livro: celebrar a negritude, a ancestralidade e o empoderamento.

Muitas imagens trazem elementos da estética africana, como pinturas tribais e padrões geométricos, reforçando a identidade e a ancestralidade do personagem. Há elementos naturais e culturais na construção da obra; além do céu, há referências aos elementos da natureza, como folhas e terra, conectando o personagem com a cultura africana. Assim como no livro de Saint-Exupéry, a ambientação espacial é recorrente, mas aqui as estrelas ganham uma ideia mais espiritual e ancestral para contribuir na ideia da identidade negra. Ademais, aparecem as figuras humanas representadas por um visual que valoriza a estética negra, favorecendo traços herdados. Um ponto importante da tipografia são as letras irregulares e feitas à mão; os desenhos manuais dão um tom mais lúdico e artesanal ao livro, remetendo à tradição oral africana e ao *storytelling* visual⁵. Isso contribui para a interação entre as palavras e as ilustrações que se misturam.

Figura 1 - Capa do livro O pequeno príncipe preto



Fonte: Carvalho (2020).

A capa de Larissa Fernandez Carvalho, oferece uma reflexão visual que se conecta diretamente com a proposta do livro francês. A capa busca destacar uma reinterpretação do clássico de Antoine de Saint-Exupéry, mas trazendo à tona questões relacionadas à

⁵ Storytelling visual é uma narrativa que envolve o uso de elementos gráficos, imagens, fotos, ilustrações e vídeos para envolver o público na história (Palu, 2022).

identidade, à negritude e ao pertencimento. Na capa, a figura central é a representação do Pequeno príncipe preto, enfatizando a valorização da negritude, a partir de seus traços fenotípicos, como lábios, cabelo, formato dos olhos e tom de pelo. Fica evidente a escolha intencional da capista de propor uma reflexão sobre a representação das crianças negras em histórias universais, oferecendo um protagonismo.

Um ponto que chama atenção são as cores escolhidas para a capa, essas cores atrativas são fortes e vibrantes, muitas vezes associadas a elementos culturais e à estética africana e afro-brasileira. A paleta de cores não apenas reflete a sensibilidade e a beleza cultural, mas também transmite uma ideia de força e resistência. A cor azul no letreiro chama a atenção pelo contraste com o laranja, que costuma ser usada para transmitir harmonia, tranquilidade e serenidade. Já o laranja significa vitalidade, prosperidade e sucesso. É uma cor quente, está associada ao entusiasmo, comunicação e espontaneidade. A escolha das cores pode ser relacionada com a personalidade do protagonista, que é comunicativo, autêntico, determinado e aventureiro.

O personagem está utilizando um *Quepe Kufi*, que é um chapéu redondo sem aba usado por muçulmanos e afrodescendentes. Tradicionalmente usado pelos homens, é um sinal de paz, renovação ou proteção da mente. Os símbolos são utilizados como forma de expressão criativa e artística. A camisa azul lembra ao *dashiki*, que é uma vestimenta tradicional da África, sendo sua caracterização principal as cores vibrantes e os padrões geométricos. O manto marrom com padrões geométricos é semelhante ao tecido *kente*, um tecido africano importante, usado em ocasiões especiais ou por quem é da realeza.

Como o livro é voltado para o público infantil, mantém uma estética simples e lúdica. A capa também pode ser vista como uma afirmação de resistência e declaração cultural, pois no plano de fundo podemos notar um Baobá, que é uma árvore sagrada na cultura africana, a sombra dos baobás eram locais de transmissão de ensinamentos e tradições às novas gerações, sendo assim era considerada uma espécie de árvore da vida. As estrelas são constantemente apresentadas na obra, o que pode ser relacionado ao pequeno planeta no qual o pequeno príncipe preto habita e o universo.

Figura 2 - Capa do livro *O pequeno príncipe*



Fonte: Machado (2009).

A capa do clássico *O pequeno príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, é uma das mais reconhecíveis e icônicas na literatura mundial. Ao longo das edições, diversas versões foram feitas, mas todas mantêm elementos centrais que refletem a essência da história e seus temas principais, conforme a edição utilizada para análise. A capa original, que apresenta uma ilustração simples e delicada do protagonista, feita pelo próprio escritor, na qual o pequeno príncipe está com roupas verdes leves, remetendo à natureza e seus cabelos loiros; ele encontra-se em pé em seu planeta de origem.

Na capa, a rosa, que é um dos símbolos centrais da obra, também aparece. Ela representa o amor, a fragilidade; sua presença nas capas está associada a uma das reflexões mais clássicas da obra: o essencial é invisível, por isso deve-se valorizar o que se tem. O plano de fundo, geralmente, é representado por um céu estrelado com planetas. As estrelas, presentes no livro e na história, fazem referência ao universo e à ideia de que o Pequeno príncipe vem de um planeta distante, o asteroide B612. Elas também provocam uma sensação de mistério e encantamento, que está presente na narrativa.

A escolha de cores suaves e harmônicas, como o azul, representando a alegria e a seriedade, e o dourado, passando a sensação de luz e riqueza, reforça a ideia de um mundo lúdico, encantador e, ao mesmo tempo, profundo. O título está claro e legível para o público, o plano de fundo branco para destacar o desenho e trazer uma sensação de equilíbrio e tranquilidade ao leitor. A capa é uma preparação visual para a jornada interior que o legente fará ao embarcar na leitura.

3.1 Herança, ancestralidade e representatividade na obra

O livro *O pequeno príncipe preto* inicia com uma dedicatória: “Para toda minha ancestralidade, com respeito e gratidão” (França, 2020, p. 06). Dessa forma, pode-se entender que o livro trata de uma homenagem às gerações anteriores, reconhecendo assim as lutas, as conquistas e as contribuições de seus antepassados, especialmente no contexto da história e cultura negro-brasileira ou da diáspora africana. O termo respeito remete às trajetórias de resistência e sabedoria de seus antepassados, enquanto a gratidão reflete o reconhecimento da sua existência e identidade.

A busca pela identidade é uma das chaves para compreender o livro, em um mundo que marginaliza ou invisibiliza a negritude, o pequeno príncipe preto reafirma a beleza de sua cor e a importância de reconhecer e celebrar suas raízes: “A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor [...]” (França, 2020, p. 10). O trecho traz uma reflexão sobre a relação íntima entre a cor da pele e a natureza, especificamente o solo. Enfatiza, dessa forma, a diversidade e a riqueza das cores, comparando-as aos lápis de cor, uma metáfora para a variação entre os tons de pele, promovendo uma ideia de identidade e diversidade racial.

Ao colocar *preto* no título, o autor não apenas afirma a identidade racial do protagonista, mas também convida o leitor a refletir sobre como a cor da pele influencia a forma como vemos o mundo e somos vistos socialmente.

“As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe um lápis ‘cor de pele’. Como assim? A pele pode ter tantos tons...” (França, 2020, p. 10), essa frase diz respeito à reflexão sobre a ideia de universalizar uma cor para representar a pele humana, pois temos uma grande diversidade de tons, não sendo adequado reduzir essa variedade a uma única cor, como o estereótipo *cor de pele* para cor bege.

O personagem segue afirmando: “Eu sou negro! Um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde... Tem o verde escuro e o verde claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços” (França, 2020, p.10). Esse trecho é uma declaração orgulhosa da identidade do protagonista, um jovem negro, é também uma expressão de autoestima e aceitação. O protagonista não apenas reconhece sua cor e suas características físicas, mas também se orgulha delas.

Essa passagem do livro também nos mostra uma variação de tonalidades de peles negras. A ilustradora explora a metáfora dos lápis verdes, apresentando ao leitor uma variação de tonalidades de lápis de colorir, lembrando que, apesar das variações, todos pertencem a

uma mesma categoria. Se, assim como o verde que, independentemente de ser mais escuro ou mais claro, continua sendo verde; a cor da pele, apesar das diferenças de tonalidade, não altera o fato de ser uma identidade negra. Observe-se a ilustração.

Figura 3 - A representação dos lápis



Fonte: Pereira (2020).

No trecho a seguir, Rodrigo França destaca as características de uma pessoa preta, abordando formas de autoestima e da aceitação da própria aparência física, especialmente características que, historicamente, foram alvo de estigmas e preconceitos, como o nariz e o cabelo de pessoas negras, destacando também uma crítica ao preconceito contra o cabelo afro.

Minha boca é grande e carnuda.
 Olhe meu sorriso, como é simpático e bonito!
 Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.
 Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.
 Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. **Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer.** Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhante e volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite (França, 2020, p. 11, grifo nosso).

Muitas crianças negras cortam o cabelo bem ralinho por diferentes razões, sejam elas por influência familiar, praticidade ou padrões de beleza impostos socialmente. Na frase “Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer” (França, p. 11), é possível imaginar que o pequeno príncipe preto tenha passado por algum processo de aceitação e que antes não assumia seu cabelo natural, mas agora quer que ele cresça com muito volume e brilho. Essa atitude pode indicar um processo de autoaceitação em um mundo que historicamente desvaloriza traços negros.

A presença de um príncipe preto na literatura infantil tem um impacto significativo para a autoestima de estudantes negros. A representatividade é fundamental para que as crianças se enxerguem de forma positiva, naturalizando sua beleza real e seus traços culturais. O livro pode ajudar as crianças a entenderem que seus detalhes físicos, tais como olhos, nariz, boca, tonalidade de pele e cabelos, sejam cacheados ou crespos, são tão bonitos e dignos de apreciação quanto quaisquer outros fenótipos. Essa representação na literatura infantil contribui para que as crianças e os jovens consigam enxergar o valor dos próprios traços.

Já em *O pequeno príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry também existem algumas menções sobre o cabelo do protagonista; a raposa estabelece uma forte ligação com o ele. Após ser cativada, diz que um campo de trigo a fará lembrar do cabelo dourado do príncipe, reforçando a imagem de que o protagonista é branco e loiro, seguindo a estética tradicional europeia: “Os campos de trigo não me fazem lembrar de nada. E isso é triste! Mas seus cabelos são da cor do ouro. Então, quando você me cativar, vai ser maravilhoso! Como o trigo é dourado, vou lembrar de você (Saint-Exupéry, 1943, p. 73).

Esse detalhe constrói um elo emocional, uma lembrança afetiva, que traz conforto e conexão entre a raposa e o príncipe. O trigo, que antes não significava muito para a raposa, passa a ter um valor sentimental, pois remete ao amigo dela. Essa metáfora mostra como os vínculos que criamos com as pessoas mudam a forma como enxergamos o mundo. O cabelo do pequeno príncipe não é só uma característica física; ele se torna um símbolo de afeto, memória e conexão.

Figura 4 - Traços culturais



Fonte: Pereira (2020).

O destaque para a frase “Eu amo meu cabelo”, na ilustração, tem um impacto muito forte no leitor, especialmente nas crianças negras. Essa escolha visual reforça a mensagem de valorização da identidade e da autoestima. A frase está em letras grandes e na cor branca, construindo contraste com o laranja, para que a mensagem seja absorvida de forma natural, reforçando a importância do amor-próprio.

Muitas crianças negras crescem em ambientes onde seus cabelos podem ser desvalorizados. Ver essa afirmação, na ilustração, pode ajudá-las a se sentirem mais seguras e orgulhosas de sua estética. Uma criança negra pode se identificar com a imagem e sentir que

o livro fala diretamente com ela, promovendo um sentimento de pertencimento. Esse destaque na ilustração reforça a ideia de que o livro não apenas conta uma história, mas também atua como um instrumento de empoderamento infantil.

3.2 Representação da Baobá nos dois textos literários

N’*O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, o baobá é apresentado no início da obra, quando o príncipe fala sobre seu planeta, que é muito pequeno, e as dificuldades que ele enfrenta para cuidar de sua casa e suas plantações, especialmente com relação aos baobás. Essa planta representa uma ameaça ao planeta do protagonista, ele explica que os baobás são árvores gigantescas cujas raízes podem destruir o pequeno planeta, e, por isso, o príncipe precisa arrancar os brotos das árvores todos os dias, antes que cresçam demais.

Figura 5 - Baobá na obra do Saint-Exupéry



Fonte: Saint-Exupéry (2009).

Dois trechos se destacam. No primeiro, o príncipe afirma que “Quando notamos que é uma planta daninha, temos que arrancar imediatamente” (Saint-Exupéry, 1943, p. 26). Ao longo desse trecho, o pequeno príncipe explica que seu planeta tinha sementes terríveis e que o solo estava infectado delas, sendo assim, ele menciona que essas plantas eram pragas e, caso não fossem arrancadas antes que crescessem, nunca mais ninguém conseguiria se livrar delas, pois as baobás crescem rapidamente e podem dominar todo o seu planeta.

O segundo trecho é o que segue: “Ora, no planeta do pequeno príncipe havia umas sementes terríveis... eram as sementes de baobá” (Saint-Exupéry, 1943, p. 26). Logo no final dessa página, o personagem alerta às crianças sobre o perigo dessa planta e ainda faz um

desenho representando a baobá. De forma metafórica, a representação dessa planta está associada aos problemas da vida, caso não sejam reconhecidos e enfrentados logo, podem se expandir e se tornar maiores do que podemos controlar, ou seja, nossos problemas são simples e aparentemente insignificantes, mas podem se transformar em algo difícil, se não os enfrentarmos a tempo.

N’*O pequeno príncipe preto*, entretanto, o baobá tem uma simbologia diferente. Nesta adaptação, a árvore não é vista como uma ameaça, mas como um símbolo de força, sabedoria e conexão com as raízes africanas, o que se pode notar nos dois trechos a seguir: “É uma árvore linda, imensa, gigante [...] Abraçar a baobá é uma troca de força, de energia” (França, 2020, p. 6). A presença do baobá assume um novo significado, mais conectado à cultura africana e à identidade negra. Essa planta é conhecida como a árvore da vida, devido à sua longevidade, resistência e importância para as comunidades, fornecendo não somente o alimento, mas também abrigo e sombra aos moradores locais.

No outro trecho da obra, o baobá é visto também como um elo entre os vivos e os ancestrais, “Ela é uma árvore sagrada, milenar” (França, 2020, p. 08). A representação do baobá é de uma árvore sagrada em várias culturas africanas, representando a ancestralidade. Ele representa a resistência e a continuidade da cultura negra, sendo uma árvore que não é uma ameaça, mas uma simbologia em termos de identidade e memória. Sendo assim, ao invés de ver o baobá como um obstáculo, o pequeno príncipe preto, o vê como um símbolo de força e conexão com sua história. O baobá é um lembrete de que a cultura e as raízes, assim como a árvore, devem ser preservadas e valorizadas. A narrativa do pequeno príncipe preto ressignifica o baobá, transformando-o em um símbolo positivo e poderoso de identidade e herança cultural.

Figura 6 - Baobá na obra do Rodrigo França



Fonte: Pereira (2020).

A obra de Rodrigo França apresenta a palavra **baobá** no feminino, já que ela é uma personagem da obra, equiparada à flor para o pequeno príncipe de Saint-Exupéry. Essa palavra carrega um significado intencional do escritor, pois o baobá é sinônimo de força, ancestralidade e conexão com as raízes. Ao referi-la como “Uma grande princesa” (França, 2020, p. 6), o autor reforça a ideia da terra como feminina, remetendo à figura materna que ensina, nutre e protege seus filhos. Na tradição africana, o baobá é visto como a **árvore da vida**, guardador de memórias e histórias de seus povos, o que pode estar associado ao papel das mulheres na preservação da cultura e na transmissão de saberes. Ao ressignificar essa figura, França invoca o cuidado e a ancestralidade no centro da jornada do protagonista, destacando a importância do feminino como fonte de aprendizado e resistência.

A representação do baobá nos dois livros ilustra como a mesma imagem pode ter significados diferentes dependendo do contexto cultural e da mensagem que se deseja transmitir. Enquanto no original de Saint-Exupéry, o baobá é um desafio a ser enfrentado, na obra de Rodrigo França, ele se torna um símbolo de identidade, resiliência e afirmação cultural, valorizando as raízes e a história de pessoas negras. As duas obras compartilham uma estrutura parecida em sua composição filosófica, contudo *O pequeno príncipe preto* se distingue ao abordar explicitamente questões de representatividade e autoafirmação, focando no protagonismo negro.

3.3 A representatividade da figura do Rei

As figuras de autoridade sempre desempenham um papel significativo na literatura, refletindo valores, questionamentos e críticas sociais. No caso das duas obras, a figura do rei é

um símbolo que merece ser analisado e comparado. Em ambas as narrativas, os reis representam algumas semelhanças em seu comportamento e diferentes concepções de poder e liderança. Ao destacar essa figura, é possível compreender melhor as mensagens que cada autor busca transmitir sobre autoridade, respeito e justiça.

Figura 7 - O Rei na obra *O pequeno príncipe*



Fonte: Saint-Exupéry (1943).

Essa ilustração representa o rei encontrado pelo pequeno príncipe de Saint-Exupéry em sua jornada pelos diferentes planetas, ele representa a ilusão do poder absoluto, um personagem cheio de vaidade e de sede de poder. Leia-se o seguinte trecho.

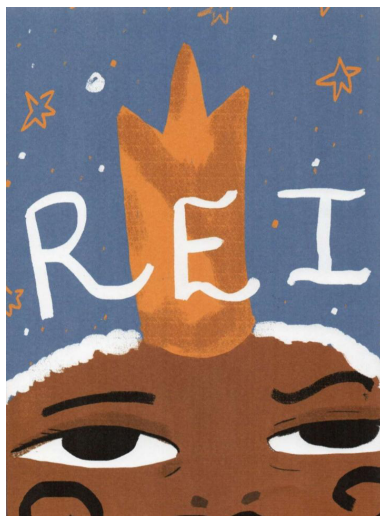
- Posso me sentar? – Perguntou timidamente o pequeno príncipe.
- Ordeno que se sente! – Respondeu o rei, recolhendo majestosamente uma aba do seu manto de arminho.
- [...]
- Perdoe-me, majestade, mas gostaria de vos perguntar...
- Ordeno que me pergunte! – apressou-se a responder o rei.
- Majestade... Sobre quem o senhor reina?
- Sobre tudo – Respondeu o rei, com um grande simplicidade.
- Sobre tudo?
- O rei fez um gesto discreto que abrangeu aquele planeta, todos os outros planetas e todas as estrelas.
- [...]
- E as estrelas obedecem Vossa Majestade?
- Claro. Obedecem imediatamente. Eu não tolero indisciplina (Saint-Exupéry, 1943, p. 43).

Nessa passagem, nota-se o desejo de ordenação do rei. O personagem acredita que governa sobre tudo a sua volta, mas suas ordens são ajustadas à realidade para manter a ilusão de controle. Um exemplo disso é quando ele só pode ordenar ao sol se pôr no final da tarde, exatamente quando o dia está acabando. O arminho é um valioso tecido e o rei queria mostrá-lo; isso reforça seu desejo de parecer uma figura respeitável e grandiosa, mesmo que sua autoridade seja fruto da sua imaginação. Essa cena critica o autoritarismo e a vaidade, mostrando como algumas figuras visa, apenas alimentar seu próprio ego, sem consideração ao próximo.

A imagem (Fig. 7) mostra uma ilustração de um rei sentado em um trono, usando uma

longa capa branca com várias estrelas douradas. A capa se estende por quase toda a superfície do pequeno planeta laranja em que ele estava. O personagem tem uma expressão séria e com uma postura imponente e as mãos cruzadas sobre o colo. Usando uma coroa representando o reinado e uma veste vermelha e branca. Sua expressão facial representa uma posição de autoridade. Há pequenas estrelas espalhadas que flutuam ao redor, sugerindo e reforçando a ideia de um ambiente espacial. A narração do encontro do príncipe com esse personagem é uma crítica à maneira como muitos governantes exercem sua liderança: com muitas regras e pouca preocupação com terceiros, mas também faz pensar sobre a ilusão de grandeza e poder que muitas pessoas adotam como verdade.

Figura 8 - O Rei na obra *O pequeno príncipe preto*



Fonte: Pereira (2020).

A ilustração acima apresenta um personagem negro com uma expressão séria. Seu rosto ocupa a parte inferior da imagem, tem tom de pele marrom escura, sobrancelhas grossas e arqueadas. A palavra **rei** está escrita em letras brancas grandes, posicionada de forma que interage diretamente com a coroa, reforçando a ideia de realeza e poder. A ambientação estrelada remete ao aspecto dos astros, assim como no clássico francês.

Da mesma forma que no texto de Saint-Exupéry, em *O pequeno príncipe preto* o rei representa o poder e a vaidade, mas que gera apenas uma solidão intransponível, confirmado pela tentativa de subornar o pequeno príncipe para que ele não parta e deixe o rei sozinho novamente. O suborno é realizado com o oferecimento de alguns objetos simbólicos que remetem à cultura afro-brasileira, tais como a cocada e o bolo: “Tenho cocada, balas. Fique, vai ter bolo! Eu lhe dou um cargo. Você será meu embaixador. Não, o meu conselheiro [...]. Quantas estrelas você quer para ficar?” (França, 2020, p. 15).

Essa escolha de alimentos não é apenas uma questão de oferecer guloseimas, mas sim

uma maneira de conectar o rei ao contexto cultural e histórico do Brasil, especialmente à cultura afro-brasileira. A cocada, por exemplo, é um doce tradicionalmente associado à culinária afro-brasileira, com raízes em práticas culinárias trazidas pelos africanos escravizados ao Brasil. É um doce que carrega consigo a memória de resistência, criatividade e adaptação das comunidades negras no país. O bolo, por outro lado, é um prato comum em várias celebrações e pode ser associado à confraternização e à ideia de acolhimento.

“Está indo embora do meu planeta? Quem deixou? Então vá, eu deixo você ir” (França, 2020, p.15). Nessa passagem, o rei também quer ter poder diante do protagonista, que não o obedece. Em um contexto histórico e social, remete à negritude e à luta contra as estruturas de poder e opressão. A releitura feita por Rodrigo França dá ao pequeno príncipe preto um papel de resistência contra figuras autoritárias.

Nas duas versões, o pequeno príncipe busca sabedoria e reflexão por meio de vários encontros e experiências. A leitura oferece importantes lições filosóficas sobre a vida e o valor dos relacionamentos interpessoais. Nos dois livros, o pequeno príncipe é um personagem curioso e inquisitivo, que busca entender o mundo de uma perspectiva inocente e profunda. Em sua jornada, ele aprende lições de cada ser ou situação que encontra.

Logo ao chegar à Terra, o pequeno príncipe preto depara-se com a personagem da raposa. Ela reforça o valor das relações afetivas, assim como no texto francês, a raposa ensina que todo encontro traz consigo uma despedida, mas as experiências vividas permanecem. A raposa em *O pequeno príncipe preto* representa o aprendizado transmitido por ancestrais, a importância das relações afetivas e a valorização da identidade negra. Seu ensinamento vai além da individualidade e se conecta à luta por reconhecimento, pertencimento e resistência.

A raposa também aponta um diálogo voltado para a culinária brasileira, “Querida uma galinha. Um frango a passarinho, com vinagre e farofa com ovo de galinha” (França, 2020, p.17). Rodrigo França vem sempre exibindo detalhes da cultura africana e da cultura brasileira. A raposa também é relacionada com a captura de animais selvagens, que ocorre de forma violenta e irresponsável, quando ela fala “Eu caço galinhas e os homens me caçam”, “Você é muito parecido com os homens daqui. A diferença é que você é pequeno, tem pipa e não tem arma” (França, 2020, p. 17). A caça ilegal de animais no Brasil, incluindo espécies em risco de extinção, é uma realidade que a obra traz à tona de maneira simbólica, indicando a ideia de preservação da natureza.

Na passagem do personagem da raposa, a palavra **afeto** substitui o conceito de **cativar** que aparece na obra de Saint-Exupéry. Essa mudança não é apenas linguística, mas também cultural, trazendo uma nova perspectiva sobre as relações humanas. A cena da raposa é uma

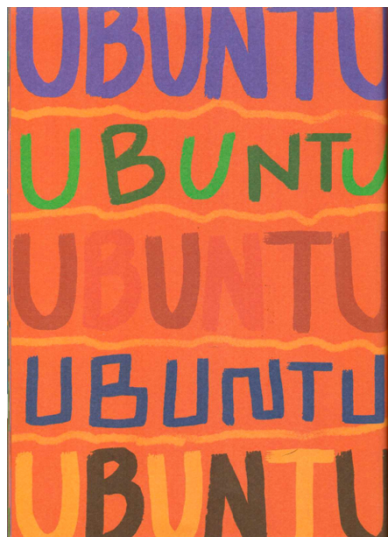
das mais famosas, trazendo à tona uma discussão sobre responsabilidade emocional. Cativar é implica se tornar importante para alguém e, muitas vezes, as expectativas podem ser frustradas. Ao mesmo tempo que há beleza no ato de cativar, há responsabilidade.

Na versão de Rodrigo França, a palavra afeto assume um papel central e está alinhada com a filosofia Ubuntu. O afeto se baseia em um amor compartilhado e espontâneo, no qual se estabelece uma troca, baseada no respeito e na coletividade. Enquanto **cativar**, no texto de Saint-Exupéry, está mais ligado ao vínculo individual e à responsabilidade emocional entre duas pessoas; o **afeto** em *O pequeno príncipe preto* enfatiza a construção coletiva, a empatia e o amor compartilhado, por isso ele fala “A palavra afeto vem de afetar o outro. Então afete com vontade” (França, 2020, p. 19). Essa mudança reflete a confecção das tradições africanas, onde o valor das relações está na reciprocidade.

Quando o príncipe começa a caminhar pelo planeta, ele percebe que as pessoas na Terra não se falam, não tem uma troca de conexão, apenas se ignoram, “Eram tantos, mas ninguém se falava. Ninguém olhava no olho do outro” (França, 2020, p. 21). O personagem se mostra reflexivo, pois está acostumado com a ideia do *Ubuntu*, que valoriza a coletividade e o cuidado; ele estranha essa falta de conexão entre as pessoas, destacando um problema comum da sociedade moderna: o distanciamento, a indiferença e a falta de empatia entre os indivíduos.

O conceito de *Ubuntu* está presente de forma central na jornada do protagonista. *Ubuntu* é uma filosofia africana que significa “Nós por nós” (França, 2020, p. 25), ou seja, é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro, de amor ao próximo, enfatizando a interconexão entre as pessoas, a empatia e a coletividade, assim, o conceito de Ubuntu no livro reforça a importância da solidariedade.

Figura 9 - Representação da palavra *Ubuntu*



Fonte: Pereira (2020).

Outro ponto importante para observar ocorre durante o encontro do pequeno príncipe preto com as crianças do planeta Terra. Conforme dito anteriormente, elas não o recebem bem; algumas delas estranham sua aparência, agindo com preconceito.

- Posso brincar com vocês?
- Alguns riram do meu sotaque e da forma como eu me vestia.
- Ele fala cantando.
- Lembra voz de quem está com preguiça.
- A sua roupa é tão esquisita, não é roupa de menino.
- Você não parece normal.
- Quiseram tocar no meu cabelo, sem pedir licença (França, 2020, p. 23).

Esse momento da narrativa aborda o racismo infantil e como a discriminação pode ser aprendida e reproduzida desde cedo. Esse episódio é fundamental para a mensagem do livro, pois expõe o racismo de forma clara, incentivando a reflexão sobre a necessidade de combater preconceitos desde a infância. O pequeno príncipe não mostra uma reação agressiva diante desse episódio, mas tenta reunir aquelas crianças, ensinando o conceito de *Ubuntu* e de união entre eles, “As crianças se olharam e se abraçaram. Aquele lugar começava a me encher de esperança” (França, 2020, p. 25). O pequeno príncipe preto também deixa uma mensagem para os terráqueos e, já que não possui a figura do aviador para mediar a mensagem dele, como no texto francês, alcança um grupo maior de pessoas.

No final da narrativa, o protagonista retorna ao seu planeta e reencontra sua querida baobá, no momento de sua morte: “A baobá chorava feito uma cachoeira de Oxum” (França, 2020, p. 28). A cachoeira de Oxum traz menção às águas de Salvador (Bahia), a cachoeira é um símbolo de pureza e renovação, no qual os fiéis buscam bênçãos e proteção. Esse momento carrega um simbolismo sobre o ciclo da vida, a ancestralidade e a renovação. A

morte da baobá não é retratada como um fim definitivo, mas como parte natural da existência.

O protagonista sente uma tristeza profunda, mas logo percebe que uma nova baobá está nascendo. “Meu coração ficou apertado, mas eu sempre lembro que ela está lá em cima, no Orun, olhando para mim. Ela reencontrou nossos antepassados” (França, 2020, p. 28). O Orun representa o céu ou o mundo espiritual. Esse renascimento representa a continuidade da vida, da sabedoria e das raízes que nunca desaparecem por completo. Essa passagem reforça a ideia de que, mesmo diante da perda, há renovação e aprendizado.

A baobá, assim como os antepassados, deixa legado e ensinamentos para as novas gerações. O texto ensina que a vida é um fluxo contínuo, no qual cada fim carrega consigo a semente de um novo começo, “[...] quando a baobá se foi, olhei para baixo e vi uma muda no solo. Outra baobá” (França, 2020, p. 29). O livro finaliza retratando o conforto após perder alguém importante, o recomeçar e seguir em frente.

Figura 10 - Morte e renascimento da Baobá



Fonte: Pereira (2020).

Em *O pequeno príncipe* há encontros com figuras como o rei, o vaidoso, o contador, entre outros, cada um representando um aspecto da sociedade humana. Em *O pequeno príncipe preto*, Rodrigo França também usa a figura do príncipe para dialogar com os desafios enfrentados por pessoas negras na sociedade, incluindo o confronto com o racismo e a valorização da ancestralidade. Rodrigo França adota uma linguagem mais direta e voltada para o contexto social contemporâneo. Embora mantenha um tom de fábula, ele ajusta a narrativa para incluir questões de representatividade racial e política, tornando a obra relevante para discussões atuais sobre racismo e igualdade.

No final da obra, também se destaca a forma de inspiração e construção do livro “A obra tem ingredientes da minha família: um pouco da minha vovó Bené, que me ensinou sobre ancestralidade; de meus pais, que me educaram valorizando a cultura negra; e dos meus irmãos, que são apaixonados pela filosofia Iorubá” (França, 2020, p. 30). Esse trecho é um agradecimento aos familiares por ensinar a importância da cultura africana, a valorização da

identidade, sendo essa filosofia uma referência aos saberes dos ancestrais.

4 SUGESTÃO DIDÁTICA

O planejamento das atividades educacionais é essencial para garantir uma aprendizagem eficiente aos alunos; para isso, é fundamental que o ensino seja organizado de forma estruturada, proporcionando uma progressão clara dos conteúdos. Uma das formas de alcançar esse objetivo é por meio das sequências didáticas, que permitem articular as atividades de ensino de forma lógica e progressiva. Nesse sentido, Zabala (1998) define sequência didática como um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para realização de certos objetivos educacionais.

Zabala (1998) afirma que, para que uma ação educativa resulte no maior benefício possível, é necessário que as atividades de ensino/aprendizagem se ajustem ao máximo a uma sequência coerente com uma ordem de atividades que siga um processo gradual, permitindo assim um desenvolvimento contínuo ao longo do tempo. A perspectiva de Zabala foi adotada no estrito sentido da organização em sequência para as atividades didáticas sugeridas.

Portanto, como produto deste trabalho, foi elaborada uma sequência didática sobre as temáticas de identidade racial, empoderamento e ancestralidade. São atividades direcionadas para o 7º ano do ensino fundamental, condensadas em quatro aulas. Para produção dessas atividades foi levado em consideração o conteúdo teórico, a análise da obra *O pequeno príncipe preto* de Rodrigo França, apresentados neste artigo, e finalizada com uma atividade prática de produção e apresentação dos alunos.

A ideia da sequência didática visa proporcionar aos professores um caminho estruturado para trabalhar a obra em sala de aula, incentivando a valorização da diversidade e o reconhecimento das contribuições da cultura afro e negro-brasileira na formação da sociedade. Essa sequência foi feita com o intuito da representatividade através da árvore Baobá, símbolo de resistência e ancestralidade.

Quadro 1 - Sugestão de sequência didática.

<i>O pequeno príncipe preto: Reflexões sobre Identidade, cultura e ancestralidade</i>	
Público-alvo	alunos do 7º ano do ensino fundamental.
Duração	4 aulas de 50 minutos.
Objetivos	- Refletir sobre os temas identidade, ancestralidade e empoderamento; - Explorar a simbologia do baobá e sua relação com a cultura africana; - Desenvolver habilidades de leitura e interpretação de textos literários; - Criar um projeto artístico que conecte a obra à história pessoal dos alunos.
Conteúdos trabalhados	- Identidade negro-brasileiro.

	- Ancestralidade. - Representatividade social. - Leitura e interpretação.
Recursos	Para as aulas: projetor multimídia, pincel de quadro e apagador. computador pessoal, exemplares de <i>O pequeno príncipe preto</i> e <i>O pequeno príncipe</i>. Para a linha do tempo e dos personagens: cartolinas, canetas hidrocor, cola, tesoura, cópias coloridas das ilustrações do livro. Para a criação do Baobá serão necessários materiais recicláveis, que podem ser adaptados: rolos de papel higiênico para o tronco; galhos secos para os galhos; cartolina verde para as folhas; pedaços de papelão ou isopor para a base; lápis de cor, tinta, cola quente, tesoura e fitas de cetim para as raízes. Os materiais para a confecção do baobá podem ser solicitados aos alunos com antecedência.
1º momento (50 min): roda de leitura	Nessa aula introdutória, o primeiro passo é levar os dois livros para apresentar à turma. Antes de iniciar a leitura dos livros, explicar que <i>O pequeno príncipe preto</i> de Rodrigo França é uma releitura do livro <i>O pequeno príncipe</i> de Antoine de Saint-Exupéry. 1. Mostrar aos alunos o livro do autor francês e questionar se eles já conheciam a história ou se já ouviram falar. 2. Ao ouvir as respostas dos alunos, fazer um breve resumo da história para que eles se situem no enredo desenvolvido. 3. Apresentar o livro <i>O pequeno príncipe preto</i> e questionar os alunos se eles já conhecem o livro. Com base nas respostas, apresentar o autor, destacando a importância da representatividade e identidade na literatura. 4. Fazer a leitura em voz alta. 5. Ao final da leitura, solicitar aos alunos que compartilhem suas impressões sobre a história, provocando debates sobre os pontos que acentuem a discussão sobre a identidade cultural brasileira.
2º momento (50 min): debate guiado	Neste segundo momento, fazer uma roda de conversa sobre os livros, a partir de trechos previamente selecionados para construir uma linha do tempo dos acontecimentos da história, com destaque para os principais personagens. Algumas questões podem ser utilizadas para gerar as reflexões, conforme abaixo. 1. Quais os principais personagens da história? O que ocorre com eles? 2. Quais elementos aparecem no livro que remetem a cultura brasileira? Vocês se identificam com algum acontecimento ou personagem da história? Quais e por quê? 3. Qual a mensagem que a raposa traz para o pequeno príncipe preto? 4. Vocês sabem que existe uma árvore muito importante no livro? Vocês lembram qual era? Lembram da importância dessa árvore? O que ela representa? Atividade prática: com base na seleção feita pelos alunos, recortar imagens que representem momentos significativos da história e colar nas cartolinas, de modo que elas construam uma linha do tempo (as cartolinas podem ser unidades pela altura para que a linha seja ampliada). À medida que as imagens são coladas, solicitar aos alunos que escrevam frases ou palavras a partir das reflexões subjetivas

	que eles fizeram durante a leitura. Colar a cartolina na sala para que todos possam apreciá-la.
3º momento (50 min): conhecendo o baobá	Iniciar questionado aos alunos sobre o que eles acharam da representação do baobá nas ilustrações do livro. Apresentar informações sobre o baobá, suas características naturais, nome científico (<i>Adansonia digitata</i>) sua importância e sua simbologia para a cultura africana (ver sugestões de vídeos). Exibir fotografias e vídeos sobre o baobá e seu impacto nas comunidades africanas. 1. Como o baobá representa a resistência da cultura negra? 2. Por que o baobá é tão importante para nossa história? 3. Vocês sabem se existe algum baobá no nosso estado? Apresentar informações sobre os baobás brasileiros. Atividade prática: solicitar que os alunos, imaginando-se como botânicos e anotem em folhas de ofício, as características do baobá, com o fito de antecipar a atividade seguinte. se possível, pedir que eles desenhem o baobá e insiram anotações botânicas sobre ele. Exemplos de desenhos podem ser facilmente encontrados em sítios de busca on-line.
4º momento (50 min): meu baobá ancestral	Construir com os alunos um baobá tridimensional, usando papelão, galhos secos, cartolina, fitas de cetim e tinta. Raízes: Representam os ancestrais e influências familiares. Tronco: Representa valores e características pessoais. Galhos e folhas: Simbolizam sonhos e o que desejam deixar como legado. A ideia dessa árvore é pensar como a trajetória dos alunos e de sua família, nos valores que devem ser cultivados, nas experiências ancestrais, que servem de base e inspiração. A imagem abaixo, gerada por inteligência artificial, representa uma aproximação ao resultado esperado. Figura 11 - Baobá artesanal gerada por IA  Fonte: Elaborada com a IA do Canva®, a partir de <i>prompt</i> das autoras. Exposição dos baobás: em um momento oportuno, cada aluno pode apresentar seu baobá ancestral, explicando quais elementos simbólicos as partes da árvore representam para ele, qual a ligação com o conteúdo do livro estudado e como a história os fez refletir sobre sua identidade.
Sugestões extras	Os momentos podem ser divididos conforme a disponibilidade de tempo para as

	aulas. Seria interessante que os alunos pudessem ter lido anteriormente a obra de Antoine de Saint-Exupéry, mas essa não é uma exigência. É preciso estar atento para possíveis questões e experiências que os alunos possam externar no debate, recomenda-se cautela e acolhimento. Pesquisar e apresentar para os alunos os locais da cidade ou do estado onde haja algum baobá. Se possível, um passeio para ver a árvore pessoalmente seria interessante, em algum momento. A confecção do baobá pode ser feita com outros materiais. O importante é que os alunos possam criar seu próprio.
Sugestão de vídeos	1. Conheça o baobá, árvore que veio da África para o Brasil, em Band Jornalismo, canal do Youtube, link nas referências; 2. A história do Baobá, em Mundo das histórias, canal do Youtube, link nas referências; 3. Lenda do Baobá. Rioeduca na TV. Sala de Leitura - Educação Infantil, MultiRio, canal do Youtube, link nas referências. 4. Existe a possibilidade de Antoine de Saint-Exupéry ter entrado em contato com o baobá durante uma visita ao estado do Rio Grande do Norte. Essa discussão pode ser aproveitada para abordar sobre a importância da árvore também no Brasil (G1 RN, 2018).

Fonte: Elaboração das autoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar de que forma a obra *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França, contribui para a construção da identidade negro-brasileira no ensino fundamental anos finais, em específico no 7º ano. Para isso, explorou-se a importância da literatura infantil nas escolas e a literatura negro-brasileira na formação do orgulho da herança cultural, logo, as possibilidades de construção da identidade negra foram expostas na análise literária, além de comparar as semelhanças e diferenças entre *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *O pequeno príncipe preto*. Por fim, foi apresentada uma sequência didática voltada para alunos do 7º ano, oferecendo possibilidades pedagógicas para a abordagem da obra em sala de aula, cujo elemento central foi a representação da Baobá.

A análise realizada evidenciou que a literatura negro-brasileira desempenha um papel fundamental na valorização da identidade negra e na construção de uma educação mais representativa. O livro do Rodrigo França apresenta uma narrativa que ressignifica valores, reforça a importância do pertencimento e promove reflexões sobre diversidade, ancestralidade e autoconhecimento. Sua abordagem possibilita um diálogo direto com os alunos, permitindo que crianças e adolescentes negros se vejam representados na literatura, que, por muito tempo, foram apagados das narrativas.

A ausência de uma educação culturalmente diversa pode impedir que os alunos

desenvolvam não apenas a empatia das experiências de outros grupos culturais, mas também a falta de conhecimento do tema, gerando preconceito racial. Foi possível notar, na obra, que o escritor Rodrigo França manteve a poesia e a filosofia do livro original, mas trouxe uma nova dimensão ao incorporar elementos da cultura negro-brasileira, além de discutir questões da contemporaneidade, tais como: diversidade, ancestralidade e identidade cultural, temas que são de suma importância aos dias atuais.

O pequeno príncipe preto ensina que a luta por reconhecimento e respeito não é apenas individual, mas coletiva. Ele carrega em si o peso de séculos de invisibilidade e, ao mesmo tempo, a esperança de uma nova geração que se enxerga em personagens como ele. A obra assume um papel crucial ao promover uma visão de mundo que valoriza a negritude como parte integral da experiência humana. É uma obra rica em simbolismos e mensagens que vão além da narrativa infantil. Ao reimaginar o clássico, Rodrigo França cria uma história profundamente relevante para as discussões contemporâneas sobre raça e identidade. A obra não apenas enriquece o imaginário literário, mas também oferece uma importante reflexão sobre a importância da representatividade e da valorização das diferentes culturas.

Dessa forma, este estudo reforça a necessidade de ampliar o espaço da literatura negro-brasileira no currículo escolar, promovendo uma educação inclusiva; pode abrir caminho para novas análises, permitindo uma investigação mais aprofundada sobre outros personagens presentes na obra e suas representações. Por fim, esta pesquisa não apenas enriquece o debate sobre representatividade, mas também oferece uma implementação de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural no ambiente escolar. Fornecendo assim, reflexões sobre a importância da identidade negra na educação, contribuindo para um ensino mais equitativo e crítico, promovendo o respeito às diferenças entre os alunos, sejam elas raciais ou sociais.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do Baobá. **Mundo das histórias**. 20 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v6oXnG0nD8A>. Acesso em: 11 mar. 2025.

AMBIENTE escolar é o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram o racismo, diz pesquisa. **G1**, 15 ago. 2023. Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 8 mar. 2025.

BARROS, Atila. A influência da cultura afro-brasileira na literatura: uma análise sobre a

importância da representatividade através dos autores afro-brasileiros. **Revista Tópicos**, v. 1, n. 4, 2023. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/a-influencia-da-cultura-afro-brasileira-na-literatura-uma-analise-sobre-a-importancia-da-representatividade-atraves-dos-autores-afro-brasileiros>. Acesso em: 11 mar. 2025.

BRASIL. Teatro experimental do Negro (TEN). **Fundação Cultural Palmares**, 14 jan. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>. Acesso em: 10 mar. 2025.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise e Didática. 2 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

CONHEÇA o Baobá, árvore que veio da África para o Brasil. **Band Jornalismo**. 31. mar. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LAC_5Ze7JGw. Acesso em: 11 mar. 2025.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Livro ilustrado**: texto, imagem e mediação. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 21, n. 1, p. 194-206, jan./mar. 2016.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira, capa de Larissa Fernandez Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GONZALES, Léia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

LENDA do Baobá. Rioeduca na TV. Sala de Leitura. Educação Infantil. **MultiRio**. 16 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GrFxlJp7hgw>. Acesso em: 11 mar. 2025.

MACHADO de Assis Real. **Fundação Zumbi dos Palmares**, São Paulo, [202-]. Disponível em: <https://zumbidospalmares.edu.br/projetos/machado-de-assis-real/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática S.A, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

NO DIA da Árvore, conheça a história de um baobá em Natal que pode ter inspirado autor de O Pequeno Príncipe. **G1 RN**. 21 set. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2018/09/21/no-dia-da-arvore-conheca-a-historia-de-um-baoba-em-natal-que-pode-ter-inspirado-autor-de-o-pequeno-principe.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PAJEÚ, Hélio Márcio; LIMA, Rayanne Ferreira Alves Barbosa de. A compreensão da ilustração na literatura infantil a partir do pensamento de Roland Barthes. **Informação & Informação**, v. 25, n. 2, p. 370-399, abr./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2020v25n2p344>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/35652>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PALU, Ana. *Storytelling* visual: o poder dos recursos visuais para contar histórias que conectam. **LinkedIn**. 30 ago. 2022. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/storytelling-visual-o-poder-dos-recursos-visuais-para-ana-palu>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PASCOLATI, Sonia. **Ilustração na literatura infantil**. Acta Scientiarum. Language and Culture, Maringá, [S. l.], v. 39, n. 3, p. 245-253, jul./set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v39i3.35642>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/35642>. Acesso em: 11 mar. 2025..

PEIXOTO, Lúcia. Projeto imersão literária: semeando *ubuntu* (livro *O pequeno príncipe preto*). **Farejador Filosófico**. 25 abr. 2024. Disponível em: <https://farejadorfilosoficoo.blogspot.com/2024/04/projeto-imersao-literaria-semeando.html>. Acesso em: 11 mar. 2024.

RAMOS, Flávia Brocchetto; NUNES, Marília Forgearini. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 48, p. 251-263, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/24680>. Acesso em: 11 mar. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Ilustrações de Antoine de Saint-Exupéry, capa de Ivan Pinheiro Machado. Rio de Janeiro: Agir, 2009.